



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

André Theuriot

Instituto Histórico de Lisboa
ESTC
João Maria
Escola Superior de Teatro e Cinema

Para n'um acto, em verso

Tradução livre
de

André Brun

Personagens

Matheus

João Maria

Luzia

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Hiernia aldiada de pescadores
Escola Superior de Teatro e Cinema

Bretanha. - Actualidade

Acto unico

Interior de um casal remediado. Tecto de travess.

A' I. 1.º plano, urna lareira; no 2.º plano, uma porta de vidraça com cortinas de ramagons. A' II. 1.º plano, um commoda e, sobre ella, um oratorio, deante do qual arde uma lamparina; no 2.º plano, um almariz cheio de louca. Ao I', a' direita, uma janella de joias; a' esquerda, uma porta chapeada, com postigo. Entre a porta e a janella, mettida n'um nicho da parede, umre quarta e sobre ella um teste e caneca. Perto da lareira, uma mesa. Escabeles. Roda-pe' alto de arulejis.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Scena 1.ª

(Quando sobe o janno, Lúcia está debarado junto a' janella, a' ultima luz do sol p'cente. Enquanto deha ir cantar e f'ria ouve-se um cantar abafado de raios e o marulhar longiquo de ondas batendo a praia.)

Lúcia

(Lí, cantando)

É mal o barco se afundou
Na onda sumiu vilas

logo o mar se illuminou.

(interrompe-se para olhar pela janella)

As gaiotas! Que bem que se ouve o seu quicume
sobre a praia! Lá estão. Aos contos, em cardume,
misturam seu gemer ao solugar do mar.
Eu vê-las nunca posso, aos bandos pelo ar,
sem que a tristera má d'esta ballada antiga,
meu coração não sinta e minha bocca a diga.

(voltando a dobrar, cantando)

Desceu no ar illuminado
do marinheiro semi-morto
no seu manto recamado.

(canta elle o novello das mãos)

Oporto, a minha casa, a vê-los não tornou
esse que tanta vez esta canção cantou.

A Virgem Santa, em vão, na sombra das capellas,
p'ra que voltasse um dia, eu fui acender velas.
Nunca a Virgem, porém, a minha prece ouvia.
O mar não restitue o que trouxe um dia!

(Contra Mathews)

Scena 2^a

Mathews e Lurici

Mathews

(entra pelo F. com um subbrulho que depois sobre a mesa.)

Boas noites.

Lúcia

Es. tu!

Mathews

Meus cedo hoji voltei:

Antes que anoitecesse as vendas contractei: becomo, d'outra vez, me tinhas censurado nos botequins da villa o ter-me demorado, assim que conclui a venda derradeira os seus doz guardu' no fundo d'algibeira, apparehei a igoa e por ahi fora vim sem um olhar seguir deitar ao botequim. Que me dizes? Então: portei-me com juizo?

(beifando-a.)

A' minha mulhersinha eu agradao preciso.

Lúcia

(vindo ao almariz buscar uma garrafa e um copo.)

Melhor te vale saber o vinho ca' da adega

(deitando o vinho no copo.) Não e' verdade?

Mathews

Sim. A bocca não m'o nega!

(Bebe e fazendo estalar a lingua.)

Ovinho faz-nos ver a vida eor de rosa!

(fitando Lúcia que voltou a dobras.)

Vamos com Deus, mulher. Não és nada curiosa. Volto lá' do mercado e vês-me tão contente e só tens para mim um ar indiferente, não perguntas sequer: se correu bem a feira ou se te trouxe d'ela alguma fioleira.

Lúcia

Ah! É verdade! Contão?

Matheus

Sempre esse olhar perdido como n'um sonho mau!

Vi cá ao teu marido em que estavas pensando!

Lúcia

Eu toda sou ouvidos.

Conta-me lá' da feira. Os trigos? Bem vendidos.

Matheus

Bello mercado, sim! Ah! nunca a velha praça entre os seus muros viu tamanha população. Lúe enorme multidão! Ogado todo em volta era sempre a crescer, como um mar em revolta. Aqui era um ajuste, além uma contenda...

Cahia a presso o sol. Os barrações de venda eram a transbordar. Dos ganhos do mercado tirei o teu quinhão. Vês como eu sou lembrado.

Da feira qu'ir trar-te algumas bagatellas.
 (depar o subrepto que contém umas sedas de cor viciosa),
 Tu d'isto nada sei. Dize tu: gostas d'ellas?
 Quem me vendeu a seda apiançou-me ao certo
 ser coisa de valor e d'um pair incerto...
 das ilhas do Japão ou terra mais distante.
 De quem de longe vem, decerto era semelhante
 o d'esse mercador que a venda effectuou.

Lúria.

(aparte e cheia de tristesa)

Como esse foi feliz. Feliz porque voltou!

Matheus

Ficas-te assim calada!... Então nada me dizes?
 Já sei. Para escother não fui dos mais felizes.
 É feio, pois não é?

Lúria.

Não. Lindo até de mais.

Matheus

Tu não te quero ouvir umas tolices taes.
 Para te ver alegre e fresca como a aragem,
 quizerá-te enfiar como uma santa imagem.
 Porém, procuro em vão dar ao teu mal remédio;
 é sempre essa tristesa, esse profundo tédio;
 tens othos de chorar, a face inda mothada.
 Confessa-me porquê, o' alma amargurada!

choravas quando ha pouco aquella porta entrei.
Esse continuo pranto, ah! quantos vers julguei...
de saudade elle ser de tua mãe ciquinha
e que o tempo faria... Enfim, asneira minha!
Sempre vi que o passar o tempo o esvaece...
o teu como herva má continuamente cresce!

Luzia

Nunca mais pensarei n'isto que me atormenta.
Hei-de-me rir. Tercis.

Matheus

(Vendo que ella sempre em esforços)

o teu pranto augmenta!

Mas fald. Que tens tu? Para te ver feliz
eu quero redobrar esforços que já fiz.

Queres mais linda a veste ou saia mais vistosa?
Cubica acaso tens de casa mais formosa?
Meu dinheiro não é só para a ferrothar..

(com silencio)

o teu labio é mudo e mudo o teu olhar.

Luzia

(tristeza)

Mas que bondade a tua. Tu chego a ter remorsos
e sinto-me culpada ao ver os teus esforços,
Matheus!

Matheus

(espantado)

Remorsos? Tu? E sentes-te culpada?

Lúcia

É que tenho um segredo em minha alma angustiada, ha tanto tempo já que eu deo ser peccado e bem grave ou mortal o não t'ò ter contado.

Matheus

Pois um segredo tens? Mas se me dês respeito não o deves guardar no fundo do teu peito.

Lúcia

Ha muito tempo já desde a primeira hora eu quiz tudo contar, falar-te sem demora; mas minha mãe pediu, rogo-me que occultasse de ti o meu segredo e meo ferar cobbasse. Tu sinto que fiz mal. O teu perdão imploro.

Matheus

(assustado) O meu perdão? Porquê?

Lúcia

Não sabes porque choro? No caminho que desce ao velho povoado e no casal d'além, hoje deshabitado, sosinho com a avó, alegre, ali vivia um rapaz d'ista terra. Era o João Maria.

E já não tinha paes. Tinha essa avó apenas.
Crescemos juntos sempre e tendo as mesmas penas.
Sempre a mesma alegria... A avó quando morreu,
deixou o João só. Meu pai que o recotheu
quis-lhe ensinar o seu mister de pescador
e quando um dia soube aquelle immenso amor
que na alma d'ambos nós, ha muito se escondia,
chamou filho ao João. Que immensa alegria
n'esses tempos d'amor e fresca mocidade
de que hoje apenas resta, immensa, uma saudade.
Mas eu não tinha dote, elle, nenhum dinheiro.
Vinte annos... vai d'ahi!... botou-se a marinhaio.
Por uma bella tarde e n'uma velha escuna
para o mar do Japão lá foi tentar fortuna.
Bra longe, bem sei, mas a minha constancia
quando eu pensava n'elle, encurtava a distancia
e fazia-o surgir aqui, perto de mim,
enquanto elle a soffrer, corria o mar sem fim.
Passou um anno e dois. Até que cá chegou
uma noticia má que pelo mar voou.
Numa tormenta a tor, n'uma costa selvagem
foi-se a fiquê o barco e toda a marinhagem
tinha-a tragado o mar. Desde então para cá
o meu pesar creceu, tal qual uma herva má.
Nunca mais se falou n'este sinistro caso.

bis porque choro.

Mathews

(surdaamente) Quem sabe lá? O acaso
quanta vez far voltar um bello dia ao porto
um ente que se chora e que se julga morto.

Lúcia

(abaixando a cabeça)

Céus e terra imploréi, mas a perca de tudo
a terra não me ouviu, o céu ficou-se mudo.
Bem quisera esperar, fiel até a hora
bem dita de eu morrer. Mas no meu pensamento
sua memoria eterna é mais que um soffrimento.
Seo vento acaso chora e lhe responde o mar,
por entre a erração fulgo ouvi-lo a chorar.
Se pela noite fi, á luz d'alguma estrella,
as barcas de pescar abrem a sua véla,
como uma asita branca a rastear no porto,
diz-me o meu coração: Se não estivesse morto...

(chora em silencio oculto Mathews limpar uma lagrima)

Choras? Pobre Mathews!

Mathews

Agora comprehendo
o meu fatal engano, o teu pesar horrendo!
Sei agora a razão d'essa infinita magua
e porque os olhos teus são sempre rasos d'agua.

(desviando as sedas)

É qu'ria-te alegrar com estas ninharias
sem suspitar sequer o mal de que soffrias.

(tristeiramente)

A' vezes, ao serão, contando o meu dinheiro,
dizia aos meus botões, alegre e fracsenteiro:
Que coisas comprarei, lindas, para enfeitar
este velho casal! Não quero no lugar
outra casa mais bella e quando o ninho for
risonho, alegre, então Lusía, o meu amor,
mais alegre e risonha ella ha-de ser tambem.

(farcendo por sorrir)

A cabeça, vê tu, quanta tolice vem!

(Com desalento)

Mal de mim que venier não posso uma saudade.
Tenho o cabelo branco. Ah! que se a moicidade
pudesse ser eterna, ou fosse algum capar
de conservar o sol que fica para trazer
e fosse eu esse alguém, procuraria então
a sombra dissipar que tens no coração
e tomar-lhe o lugar que guardas inda quente.
Na minha idade, eu sei que loucuras imprudente
seria o qu'rer lutar com certos desenganos ...
Sou bucco, feio, triste e não tenho vinte annos.

Luzia

Ah! Quanto es bom, Matheus. Eu quero que perdies todo o mal que te fez. Nos soffremos os dois. tu firo-te, serei para ti d'hoje em diante uma esposa lial, talvez um dia amante. Porque tu accedeste e porque t'o pedi, viemos aqui viver na casa em que eu nasci. Vamo-nos para longe. Aqui ruina o passado em senhor absoluto e muito embora, o mado bo vento a gemer, a fanella florida, os rалlos a cantar... tudo me lembra a vida, a vida que passou o meu amor d'outra ora, atraves da canção que o mar á noite chora. Oh! leva-me d'aqui, p'ra a terra onde nasceste ou para algum pais onde eu me esqueça d'este. Oh! Leva-me a viver alegre n'um cascal a' sombra dos pinhaes do teu torrão natal, e meus othos talvez se esqueçam de chorar... Onde eu não veja o porto, onde eu não veja o mar.

Matheus

Pis qui? Queres deixar a casa onde nasceste, o canto aonde amaste, a terra onde soffreste?

Luzia

Ah! Quero, sim, Matheus.

Matheus

Farei tua vontade.

Um dia voltarás talvez a ter saudade
d'esta terra.

Lúcia

Por mim a tua não deixaste?

Para viver aqui teu lar abandonaste.

Matheus

É certo que deixei, mas quanta vez não sonho
com o céu tão azul do meu casal risonho.

Lúcia

Fujamos para lá.

Matheus

Ah! quanto te agradeço
um sacrificio tal que eu já te não mereço.

Escuta, meu amor. O caso bem pensado
- não achas? - deve ser. Eu desco ao provocado
tomar um pouco d'ar e reflectir no caso.
Vê que é mister pensar e não ir ao acaso
em tal resolução.

(a filha) Deus linda a lua cheia!

(ouve the sun be)

Lúcia, eu volto já. Manda apromptar a via.

(Lae)

Scena 3^a

Lúcia

(So!)

Disse-lhe tudo enfim como pesa um segredo.
 Que linda noite está! Oh! mas que estranho medo
 eu sinto dentro em mim e que presentimento
 me vem ao coração. Que infinito tormento
 o meu. Não terei mais uma hora d'alegria!
 Inútil hei-de esquecer-te, o meu João... Se um dia!
 Oh! mas não devo... não. Que tristeza me deu
 ver chorar o Mathews. Que importa quem morreu.
 Quero e devo esquecer.

Que noite de luar.

As ondas são de prata... um vasto espelho o mar.
 quantas estrellas vão pela amplidão immensa.
 Que triste um coração que no passado pensa.
 Mas eu devo esquecer. Oh! permitta' meu Deus,
 passa eu fazer feliz o pobre do Mathews.
 Negar-lhe o coração eu sinto que é peccado,
 Quando esta casa intão tivermos já deixado,
 farei seu lar risonho, e para o ver contente
 hei-de cantar dobando e vir continuamente.

(João se a cantar, dobando)

Desceu no ar illuminado
 ao marinheiro semi-morto

no largo manto recamado

(parando de cantar)

Sempre a velha canção, uns sinos a dobrar,
e como a noite é linda e como é lindo o mar.
Que triste esta ballada! A noite é de brancura
mas na minha alma em lucto a noite é sempre es-
cura.

(voltando a dobrar)

Scena 4

João Maria e Lúria

João

(entrando e ficando estenuado no limiar da porta)

Lúria! Amor!

Lúria

(espavorida) Meu Deus!

João

(pouco a pouco) O noiva idolatrada!

Um dia emfim voltei à terra bem amada.

Pude tornar a ver a luz do teu olhar,

bella como a esperança e bella como o mar

Ha pouco aqui cheguei. Voltei sem escrever.

Eu quis surpreender-te, essa alegria ter.

Fugi de toda a gente, a gente que além mora

e o caminho encontrei. Para evitar demora
 eu vim pelo carreiro. Ah! como a noite é linda!
 Que noite de luar - encanto que não finda,
 feito para o amor! Eu vim galguei, subi
 por esta velha encosta, á pressa até aqui,
 enquanto em baixo, além, num filiteiro
 em flôr
 um rouxinol trinava uma canção d'amor.
 Vi uma luz lurir por entre a ramaria;
 era a da tua casa, enfim, minha Luscia,
 e ao ver a tua porta, ali, antes de entrar,
 meu coração tremeu, chorei, pus-me a rezar.
 Guidei que ia morrer. Tanta alegria junta!

(acrocando-se de Luscia)

Mas tu pallida estás e branca qual defuncta.
 Que tens?

Luscia

(cu voz sumida)

És tu, João? Mas quando aquella porta
 entraste, que terror! Senti-me quasi morta,
 pois julguei estar vendo a tua alma frenada...
 o teu phantasma enfim... que a certidão lamada
 tens.

João

(suspechando) Que dizes tu?

Luzia

Todos te julgam morto.

João

(rindo)

Pois se eu proprio julguei não mais ver o porto,
nem ver a tua casa e a ti, minha Luzia.
A minha historia e' longa. Hei de conta-la um dia.
Uma noite ao serão, no botequim da villa,
velhos lobos do mar hão de fismar d'ouvi-la.

De longe era ao voltar de terras do Levante...
Após cruzar um anno em terra tão distante
buscavamos um porto. Ainda o nosso olhar
não distinguia terra e já por sobre o mar
vinha a brisa trazer um rumor encoberto,
como que a indicar que a terra estava perto.
Nisto a noite cahiu, com ella o nevoeiro.
O vento estava incerto, e para um marinheiro
de muito má feição, até que de repente
tocamos um rochedo e logo toda a gente
percebeu que estalava o casco do navio
e nas ondas do mar, mar lugubre e sombrio,
descia frouco a pouco-oh! que horrivel momento!
A noite era profunda, uivava forte o vento.
Eu governava o leme. Ao mar logo cahi.

Senti' que ia morrer. So' me lembrei' de ti,
 A waqa ia tragar-me... então uns companheiros
 que o navio a deixar foram dos primeiros,
 dentro d'um escalet, puderam lançar mão,
 depois d'insana lueta, ao teu pobre' João.
 Andámos largo tempo a babigem da waqa,
 por entre o nevoeiro - escuridão que esmagava
 até raiar a aurora, até nascer o dia.
 Começou o supplicio. O barco não trazia
 uma codia sequer para matar a fome...
 E sempre o mar infido - angustia que consome.
 Sete dias durou, sobre a waqa suspenso,
 sem comer nem beber, este supplicio immenso.
 Um velho marinheiro a fome então morreu,
 outro deitou-se ao mar, um outro enlouqueceu.
 Até que um dia enfim, no horisonte, branca,
 a todos uma vela um clamor louco arranca.
 Faremos-the signal. Momento de esperança.
 O barco lobrigar o nosso barco alcança
 e deita um escalet. O que a gente sentiu
 quando porimos pé' na tolda do navio!
 O barco proseguir seu rumo de viagem
 e fomos completar a sua marinhaagem.
 Quanta vez, triste e só, eu diria commigo.
 " Voltar a' minha terra assim, como um men-
 digo

Não. Por ella e' que vim. Para ella hei-de voltar,
quando um dia tiver dinheiro que mostrar."
Até que um dia enfim, senti-me menos pobre,
algumas peças d'ouro, em vez do triste cobre
com que d'aqui partira e tive logo pressa
em voltar para ti. A enfiar-te começa
a minha narrativa? E tu, minha Lúcia,
enquanto pelo mar, fortuna eu perseguia,
viveste aqui feliz e sempre a minha espera.

(rebuçando a vista pela casa)

Segundo me parece, o teu casal prospera.
Está lindo o solar, como quem n'elle mora.
Para que o teu pai já me não quer agora;
riquezas não lhe trago...

Lúcia

O pobre já morreu

João

(terçando a gossa)

Morreu? Era tão forte ao tempo quando eu
parti. Deus o tenha. - E tua boa mãe?
Essa santinha velha?

Lúcia

Essa morreu também.

Um anno vai fazer que além aquella porta
se abriu para o caisão.

^{João}
 O quê? Pois também morta?
 Enquanto eu sobre o mar de ti tão longe estava,
 sozinha, sem ninguém a morte te deixava.
 Esquece o teu pensar. Eu hoje estou aqui
 e nunca, nunca mais me apartarei de ti
 sempre juntos até à hora derradeira

^{Lúria}
 Oh! não! não! Vai-te!

^{João}
 (surpreendido, O quê? (vendo)) Já sei! É brincadeira!

(pergunta-lhe na mão,
 Que vejo?" Norma aliança?"

(Apurando-a a si, cheia de angustia)
 Então não dizes nada?
 Que quer isto dizer?

^{Lúria}
 (cabisado, repete parabolico) João! Que estou casada!

^{João}
 (decurado) Casada?

^{Lúria}
 Sim... casada.

^{João}
 Oh! mas que sina a minha!
 E eu que tão feliz por essa encosta vinha.

buscada, tu? Meu Deus! A'noite, quanta vez
sobre um distante mar, n'um canto do convés,
os marinheiros. . nós, em noites estreladas,
falavamos das mães, das noivas bem amadas,
que havíamos de tornar a ver um bello dia.

Tu falava de ti, de ti, minha Lúria.

Se por acaso, algum, sem noiva ou sem amante,
dizia que a mulher é' fivola, inconstante,
como a onda na praia e corna a asa do vento,
eu sentia vibrar em mim o sentimento,
e punha-me a chorar, feliz por ter ainda
cá' neste mundo alguém, a minha noiva linda.
E punha-me a dizer ao vento que gemia
reacdos para ti' e só por ti' vivia.

Mas entretanto já tu tinhas preferido,
ao noivo pobre e longe, algum rico marido.

A festa custa a si' com um vestido pobre.

E busca-se um marido. O luxo tudo encobre,
até' uma traição. O' minha triste sorte!

Mais valera, meu Deus, que me levasse a morte!

Não te vinha encontrar, tal qual uma vendida,
perjura, falsa e má, o' luz da minha vida!

Lúria

(buscando tapar-lhe a bocca) Oh' cala-te, João!

(repellido - a) João
Para que vás mentir?

Lúcia
(acercando - e) João!

João
(affastando - a) Deixa-me ir. Eu tenho que partir.

Lúcia
(retendo - e pela mão) Mas não sem que eu te diga...

João
... algum cirosoado?
É mentiroso e mau.

Lúcia
Se a vor d'esse passado
cheio de tanta luz, vibrante de paixão,
de tudo inda apesar fala ao teu coração,
tal como fala ao meu, não sejas inclemente.
Escuta a minha historia.

João
É triste e repellente.
Vamos... enfim, diz lá. Tudo eu quero saber.

Lúcia
Se soubesses, João, qual foi o meu viver
e qual o meu tormento e qual minha a margura!
Quando o meu pai morreu, a sua sepultura
ruina nos cavou. A minha mãe, cortada,

de tanto que chorou, e ficou amargurada
de nos vermos tão sóz, sem ter ninguém no mundo,
nossa miséria enorme, o nosso mal profundo.

Tua podermos viver ficava eu noite e dia.

Quanta vez não comi. A minha mãe não via
e para ella era pouco o negro pão de sala.

Que havia eu de fazer? Para que amargurá-la?

Oh! n'esse tempo atrás, como por ti chorei!

Quanta vez a chorar, a Virgem suppliquei
que te trouxesse aqui... mas tu tão longe estavas!

Não trouxe o vento, não, recados que lhe davas.

Um dia, de meu pai um velho bom e amigo
aquella porta entrou, vinha trazer consigo
sua velha amizade e a sua bolsa cheia.

Fora parco o pintar e não havia eia.

Minha mãe accitou. Ainda voltou mais vezes
e sempre tão amigo, uns modos tão corteses
ao fazer accitar... Falava de oração...

Uma noite, aqui, pegou na minha mão
dizendo: "Tea mãe stá velha, acabunhada,
e tu vales ficar só, de forças de finhada.

Sou um velho, bem sei. Queres minha mulher
ser? Eu farei por vós tudo quanto fuder
e o teu pai serei mais do que teu marido."

Ele fallava a custo, um ar tão comovido...

Eu não lhe respondi. Pedi para pensar uns dias. Para ti, sobre a amplidão do mar via o meu pensamento, ia a minha saudade. Foi'então que chegou - terrível ansiedade - a notícia fatal. Tu tinhas perecido. Quilquei morrer também. Meu coração ferido quis esperar. Em vão. Não restava esperança. Cancel-me de resar a Virgem da Bonança e sempre, sempre em vão. Elle pedia tanto... De minha pobre mãe era continuo o pranto, como que a supplicar que eu aceitasse emfim. O meu amor por ella é que dispoz de mim. Foi tranquilla e feliz a ultima vez que de minha mãe... João! Tudo, tudo o que disse te fero ser verdade e crei, se não fosse ella eu tinha-te esperado, até morrer doncella.

João

Oh! meu Deus! Mas que mal fizemos? Desgraçado de mim. E tu, Lúcia, amor! Mas que peccado foi'esse nosso então, para soffrer assim... Eu queria - te tanto... ai tanto!... mal de mim. O nosso amor tão casto, o coração tão puro. É que castigo atroz d'um mal que em vão pro-
curo!

Luzia

Não pensêmos em tal.

João

Ao menos és feliz

com teu marido, já que o mau destino quis
que o fosse em vez de mim? Dize!

Luzia

(aparte) Para mentir

Da-me forças, meu Deus e para resistir
à tentação. (alto) Sou, sim, feliz e bom, carinhoso,
alegre a minha casa, o meu viver ditoso.

João

(Come um gesto de descanço)

Uma palavra mais. Quando ainda ha bem pouco
disse... Has de perdoar. De dor estava louco.

Eu quero-te pedir um só favor, Luzia,

Deixa-me aqui viver n'aquella casaria.

A mulher que eu amei basta-me ao longe vê-la
fiando o linho branco ao canto da fanelle!

Consentes?

Luzia

Isso não. Não. É preciso urgente
que tu partas, João. Que ninguém d'esta gente
te veja.

^{João}
 Mas porquê? Não ignorado canto
 viverei triste e só. O meu amor tão santo
 ninguém o saberá. Escuta o que eu te digo:
 Deixa-me aqui viver para sonhar contigo.

Lúcia

Não. Não.

^{João}
 Tu serei forte e pela Virgem puro
 ser forte o meu amor. Será leal e puro.
 Ninguém suspeitará sequer o meu segredo.
 Tu consentes, Lúcia?

Lúcia

(em voz surda) Oh! não que tenho medo
 medo de mim.

João

(correndo para ella) Então tu... tu comas-me ainda
 e o teu coração é o da noiva linda
 que outr'ora aqui dei. O elo que nos liga
 não podeste esquecê-lo, embora assim o diga
 esse mundo!

Lúcia

(afastando-o) João!

João

é muito embora a sorte

fuisse acreditar na minha triste morte
e teu corpo ceder, o pensamento teu,
a tua alma é d'alguem e esse alguem sou eu.

Lúcia

Não sou livre, João. Pertenceo a meu marido.

João

És minha. Dêlle não. Tanto temos soffrido
eu por ti, tu por mim. Parte o barco outra vez
que me trouxa até cá. Será no seu comver
ondas de gente pobre, uns tristes emigrantes,
que vão a procurar em terras mais distantes
um viver mais feliz e uma mais risonha aurora.
Vem commigo. O casal está deserto agora
e ninguém nos vê. Pra longe fugiremos
para mudar em céu o inferno em que vivemos.
Fujamos, anda, vem.

Lúcia

Que queres tu dizer?

João

Que fujamos os dois.

Lúcia

(aparte) Sinto desfallecer
minha vontade, o céu! Não posso resistir!
Quem me diga morrer!

João

Que esperas do porvir
 n'esta casa, vivendo a sós com a saudade
 de sombras a moher a tua mocidade?
 Se a primavera, o sol, vier a despontar
 somente encontrara o pranto em teu olhar.
 Os annos passarão sem teres uma alegria,
 nem filhos no teu lar, até que um bello dia
 viuva ficarás, entregue á tua dor
 esposa sem marido e noiva sem amor.

Luísa

Oh! eala-te, João!

João

Vamos procurar
 algum paiz melhor e fozemos o mar
 entre elle e o passado - o teu viver d'agora -
 perpetua ha-de ser a luz da nossa durara.
 Havemos de encontrar decerto um Paraizo
 que ha-de ter como luz o sol do teu sorriso...
 Feliz amanharei a terra abençoada...
 Os dois uma alma só, uma alma illuminada
 por um amor immenso, enorme e sem medida,
 como a amplidão do mar.

Luísa

(aparte) Jesus! Que estou perdida.

Sinto desfallecer a minha resistencia.

João

Pois não vês que te espero? É tal minha impaciencia
que até chego a temer que teu marido volte
e que de o ver entrar meu sangue se revolte.
Fazfamos, anda, vem.

Luzia (que se recusa ao ouvir falar em suicidio)

Não. Nunca! Eu fico aqui
com todo o meu pesar, o meu amor por ti,
mas nunca deixarei a casa d'este velho.
A sua esposa sou. Perante o Evangelho
jurei. Hei de ficar. Eu sou o seu carinho,
eu e a minha mãe, a beira d'um caminho,
teriamos ficado até morrer de fome!
E queres tu, João, que este remorso eu tome
de ser para elle má, de o ter traído,
e de o deixar aqui, sózinho, abandonado,
a elle que foi bom, que não abandonou.
Queres tu que ao voltar ao ninho que formou,
elle encontre a deshonra, encontre a minha lama.
É um crime, sem vês.

João

(amargamente) E dis ella que me ama!

Luzia

Amo-te e soffro. Sim, e nunca o esquecimento
 d'esta hora apagará o fundo soffrimento.
 Embora te seguisse, eu nunca, ó meu João,
 poderia esquecer o dia da traição.
 Não poderias assim, escuta, ó meu amor,
 ser felizes no mundo. E do remorso a dor
 uma sombra fria, a d'elle, entre nós dois,
 matava o nosso riso e o nosso amor depois.
 Oh! deusa-me guardar no fundo do meu peito
 o bem do nosso amor, só de fúreas feito,
 tal como outr'ora elle era, á hora do sol posto,
 ou sob a clara luz d'alguem luar d'Agosto.
 Não era para nós feita a felicidade.
 Seja do nosso amor mortalha uma saudade.
 Uma hora ha-de chegar, a hora derradeira
 e para o nosso amor uma eternidade inteira.

João

(solheando) Adeus, Luzia, adeus.

Luzia

Pedi-te-hi tambem
um ultimo favor.

João

Sir.

Lúcia
Não te viu ninguém
vir a' terra?

João
Ninguém.

Lúcia
E esse barco inglês
quando se faz de vela?

João
Esta noite talvez.
Se houver vento a favor ou logo de manhã
e mal o sol lusit, partimos amanhã.

Lúcia
Que não saiba ninguém que a' terra tu vieste,
nem aqui ao casal. Se para mim morreste,
p'ra todos morrerás e que ninguém te veja.

João
Fizei tua vontade.

Lúcia
O céu contigo seja!
E que a Virgem te leve a porto e salvamento,
contigo, sobre o mar, irá meu pensamento.
Adeus, João.

João
Adeus. (sobe até a' porta. Depois d'um silencio)

Escuta-me, Lúcia.

Levar para o exílio unicamente qu'ria
 uma lembrança tua. É louco o meu desejo,
 tu qu'ria levar.., o teu primeiro beijo.
 Beijo de noiva, que eu de ti receberia
 quando tu fosses minha, o beijo em que eu ponha
 toda a minha ventura e a minha alma inteira.
 Da-me esse beijo teu, n'esta hora derradeira
 em que vejo morrer os tristes sonhos meus.
 Um beijo.

Lúcia

(separada) Não.

João

(recuando) Então, adeus.

Lúcia

(abindo a) sua escabelo) Adeus!

João

(sof' da porta) Adeus! (Luz. Que se solucal, sem momento.)
 Lúcia chora. (Entra Mathews)

Scene ultima

Mathews e Lúcia

Mathews

(vindo ao pé de Lúcia, sem que esta o prescinta)

Estás sosinha?

Lúcia

Estou.

Mathews

E' que julguei ouvir
aqui uma outra voz!

Lúcia

Acaba de sair

d'aqui um marinheiro. Errou o seu caminho.
Entrou a indagar...

Mathews

E foi-se o pobresinho?

Decerto te contou a sua triste vida!

Tu vejo-te a chorar, pallida e commovida!

Lúcia

E' que elle outr'ora foi aos mares do Japão
e vinha-me trazer noticias do João.

Mathews

O quê? Quero saber e tu dizer-me vales
tudo, tudo. O João?

1
Lauria
Já cá não volta mais!

Coae o panno

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema

Fim

